



# REVISTA do PROFESSOR

ORGAO DO CENTRO DO PROFESSORADO PAULISTA



# MARIA MONTESSORI

Sobre a grande educadora italiana, há pouco falecida, publicada em "A GAZETA", da Capital, em data de 20 de outubro de 1950, enviado por sua correspondente em Roma — Mercedes La Valle — artigo que, com a devida venia, passamos a transcrever:



O Conselho Municipal de Perugia concedeu a Maria Montessori a cidadania honorária. A ilustre educadora, figura máxima da pedagogia italiana, foi muito festejada também porque completou 80 anos. Nasceu em 31 de agosto de 1870, em Chiaravalle, perto de Ancona. Mas a sua idade avançada não aparece em seus olhos cinzentos, ainda jovens, e nem diminuiu o entusiasmo com que dirige e preside o Centro de Estudos Pedagógicos. Cartas e telegramas de felicitações foram enviados a Maria Montessori dos mais longínquos países da Europa e da América. Votos de Escolas, de Centros Educativos de Associações Culturais, de cientistas e parlamentares, muitos dos quais foram seus alunos.

As teorias montessorianas, em seu desenvolvimento de cerca de 50 anos, dilataram os limites do período educativo até a compreensão do recém-nascido, estudando os seus esforços para entrar em contacto com o meio ambiente.

Durante o vigésimo-nono Curso Internacional, que se encerrou em 30 de setembro em Perugia, e no qual estiveram inscritos cerca de cem estudantes procedentes do Sudão, da Venezuela e da Argentina, etc., Maria Montessori ilustrou a sua experiência pessoal com crianças de todas as raças e todas as condições sociais e o conceito fundamental de seu método, que afirma que o processo educativo é tão apenas obra da criança que deve evoluir em um ambiente livre de obstáculos e rico de motivos de atividade, mediante um trabalho fundamentado na auto-educação e sob a direção do adulto, a que se reserva apenas a possibilidade de fornecer à criança a ajuda necessária para que atinja a sua transformação em adulto.

## O PROCESSO MONTESSORI

Maria Montessori foi a primeira mulher italiana que se formou em medicina. As suas primeiras investigações no campo médico e as suas publicações se ressentem da influência filosófica e pedagógica do fim do século XIX. Assistente da Clínica de Psiquiatria da Universidade de Roma, começou Maria Montessori a observar e a curar as crianças deficientes, acentuando a idéia de que a cura pedagógica não apenas deve subsidiar as curas médicas, mas que o tratamento terapêutico dos deficientes deveria ser prevalentemente pedagógico. Essas suas descobertas ela as revelou no Con-

gresso Pedagógico de Turim no ano de 1898, e começou a elaborar um plano de educação para as crianças anormais, cujo fator principal era o emprego de uma força espiritual de evocar na psiquê da criança anormal o adulto, que de outra forma não seria capaz de desenvolver-se.

Ajudando os meninos deficientes a serem compreendidos e a compreenderem aqueles que se conseguem firmar em sua mente confusa, passou depois a educar os normais, aplicando-lhes as observações feitas sobre os doentes.

Reuniu numerosas crianças, de 3 a 7 anos, em determinada residência popular, deixando-as brincar à vontade, em absoluta liberdade. Observando-as, compreendeu que, sem forçá-las, poderia ensiná-las a ler e escrever. Estudava ainda os caprichos das crianças, evitando sempre admoestá-las com gritos.

“Em toda criança — afirma Montessori — há uma personalidade escondida que deve ser liberta e levada à superfície. Uma vontade que deve ser ouvida, evitando-se desta forma os complexos de inferioridade”.

Fornecia às crianças letras do alfabeto feitas de material especial esmerilhado, com as quais as crianças se divertiam como com brinquedos, e contudo aprendiam a reconhecê-las. Ela ensinava a ler sem que os meninos disso se apercebessem.

— Por que têm as crianças ódio instintivo pela aritmética?

— “Porque — responde a dra. Montessori — em geral é ensinada entre os sete e oito anos, quando as crianças já perderam o interesse pelos números. Aos quatro e cinco anos se obtêm resultados surpreendentes, e alguns meninos, sob minha direção, fizeram nessa idade complicadíssimas operações aritméticas”.

As obras de Montessori foram traduzidas para todas as línguas européias, para o árabe, indiano e chinês.

Quando estalou a guerra, a dra. Maria Montessori achava-se na Índia, realizando um ciclo de conferências. Ali permaneceu durante sete anos, dos quais cinco em um campo inglês de concentração. Teve então considerável número de alunos. Instruiu 1.500 mestres indus.

Maria Montessori era procurada por representantes de castas indus, muçulmanas, brâmanes, budistas, que solicitavam lições da eminente educadora.

A Itália orgulha-se de possuir tão ilustre educadora, chamada com toda a justiça de “Grande benfeitora da humanidade”.



# INSPEÇÃO ESCOLAR

Prof. OSCAR AUGUSTO GUELLI  
Delegado do Ensino em Jundiaí, SP.

O Estado de São Paulo possui cento e cinqüenta inspetores escolares. Demos de barato que sejam 25.000 as unidades escolares, o que dá a média de 166 unidades a cada um. Mesmo que o inspetor possa visitar duas unidades por dia levará quase três meses para percorrer as escolas tôdas a seu encargo. E' um cálculo otimista que fazemos.

Perguntamos agora se os inspetores, assim sobrecarregados, poderão exercer, com eficiência e a contento, as funções de verdadeiros orientadores técnicos. Transformam-se, no dizer de Sud Mennucci, em legítimos fiscais de bonde, que verificam o número de pessoas presentes, dão ordens burocráticas e passam adiante, à espera de outro carro. Porque — o argumento é da mesma autoridade — “ou o inspetor verifica, com cuidado e meticulosamente, o que estão fazendo os professores, se êles seguem um plano inteligente e eficiente que prognostica resultados razoáveis no fim do ano, se êles não se perdem em práticas absurdas e contraproducentes, ou a inspeção se transforma em simples fiscalização, que além de ser o lado mais antipático do mistér, deixa o govêrno na impossibilidade de avaliar se o dinheiro que gastou foi de fato bem empregado ou se foi deitado fora pela janela”.

A inspeção escolar é a espinha dorsal dos serviços do ensino. No entanto, as escolas têm aumentado aos milhares nos últimos anos, e o número de inspetores sofreu pequeno aumento.

Se a visita aos Grupos Escolares é indispensável não só para esclarecer dúvidas e estimular iniciativas, bem como para inteirar-se da marcha do ensino e trocar idéias com os diretores, às escolas isoladas ela é imprescindível.

Egressas há pouco das escolas normais, trazendo embora um cabedal suficiente de cultura, mas não dispondo dessa alavanca poderosa que é a prática — fator indispensável que não se adquire em compêndios e tratados, mas no trato cotidiano com a escola e a criança — a profesôra de escola isolada perde-se num emaranhado de trilhas e rumos à primeira vista inextricáveis; vacila, indecisa, ante as dificuldades que defronta; caminha às apalpadelas, sem conhecer o terreno que pisa, sem saber quanto andou nem quanto falta percorrer; compenetra-se de uma illusória incapacidade; perde a confiança em si e no resultado e esforços que executa; cuida apenas das matérias fundamentais e daquelas para as quais tem jeito ou vocação, abandonando outras, não menos importantes, mas que lhe parecem difíceis; trabalha a esmo, sem processo e sem método, enquanto a escola erra como nau desarvorada.

Aí é que se faz sentir, profunda e imprescindivelmente, a necessidade do trabalho orientador do inspetor escolar, do inspetor que chega com calma e sem pressa, com a naturalidade paciente e tolerante do verdadeiro assistente, e não com ares superiores de fiscal e apontador de falhas e erros, do inspetor que, tomando do giz, dá aulas-modêlo e orienta a profesôra sôbre o

desenvolvimento das diversas disciplinas do currículo.

Não podemos continuar mantendo os inspetores nesse regime de perfeito esfalfamento em que se encontram correndo de cá para lá, sem tempo sequer de abrir um livro e acompanhar de perto a evolução das modernas técnicas pedagógicas, transformando-se aos poucos em funcionários cansados e inoperantes, para não dizeres que malbaratam a saúde.

O Prof. Onofre Penteado, abordando o assunto, diz incisivamente o seguinte:

“Judeu errante, sempre apressado, sempre afilhado, para chegar a tempo e a hora, não tem tempo para ler, para estudar, para meditar, para orientar. O seu serviço burocrático é tão grande, a sua zona tão vasta como vasto é o número de mapas, roteiros e guias, folhas, informes que tem de organizar. A tudo isso junte-se o tempo gasto nas viagens e mais o dormir fora e comer fora de hora. E, nessa azáfama, forçosamente descarta-se e não se põe ao par, e nem o poder fazer, por falta de tempo, das teorias novas, que diàriamente surgem em matéria de ensino. Burocratiza-se de corpo e alma. Automatiza-se”.

Não é preciso dizer mais. São Paulo necessita no mínimo de duzentos inspetores, e daí não há sair. Mesmo assim tocarão ainda 125 unidades a cada um. Solucionada dessa forma, a questão ficará apenas melhorada, não resolvida. Mas já se terá feito alguma cousa.

## BANDEIRA DO BRASIL

*Côr da fé e esperança, aquela que te empoeira  
Da mata exuberante a esplêndida presença.  
A selva brasileira é a natureza em festa  
E o verde da bandeira é uma floresta imensa.*

*O amarelo que tens é uma etapa de glória  
Que o audaz bandeirante, o paulista valente,  
A golpes de bravura a esculpiu na História,  
Terras a conquistar no grande continente!*

*A clara e pura côr da tua linda esfera  
É o sinal dêste céu inundado de azul  
Que o artista seduz e que o povo venera,  
Onde, à noite, reluz o Cruzeiro do Sul!*

*E em tudo a clamar aquela faixa branca  
Como o lema de paz de um povo varonil:  
Ordem que faz progresso, a maior alavanca  
Do porvir que te espera, ó terra do Brasil!*

SÓLON BORGES DOS REIS